

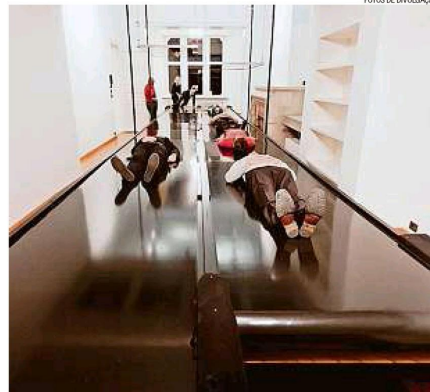
PERFIL



"Shrink" (1996). A pessoa é selada entre duas lâminas plásticas



"Nemo observatorium" (2002). Dentro do cilindro, um clone artificial



"Transporter" (2008). Visitantes deslizam como malas em aeroportos

FOTOS DE DIVULGAÇÃO

LAWRENCE MALSTAF

O homem que quer te embalar a vácuo

ESTRELA DO FILE, Festival Internacional de Linguagem Eletrônica, no CCBB, belga cria máquinas interativas, que levam o espectador para dentro da obra

EMILIANO URBIM
emilianourbim@oglobo.com.br

N

o térreo do Centro Cultural Banco do Brasil, sobre um andaime de cinco metros de altura, um sujeito alto e magro conecta fios elétricos no alto de um tubo. Usando tênis, calça tática, camiseta velha e capacete, parece mais um na montagem da exposição da vez. Mas Lawrence Malstaf é, na verdade, a estrela do Festival Internacional de Linguagem Eletrônica (File), que após passar por São Paulo, Brasília e Belo Horizonte acaba de chegar ao CCBB do Rio, onde fica até 4 de junho.

O artista belga de 46 anos trouxe duas obras à cidade. Em "Shrink", uma pessoa é selada a vácuo entre duas telas de plástico transparente. Em "Nemo observatorium", o visitante senta-se dentro de um cilindro de PVC transparente — o "tubo" do parágrafo acima — e se vê no meio de uma tempestade artificial. As duas instalações trazem os elementos que tornaram Malstaf conhecido, premiado e distinto no mundo das artes: são máquinas interativas, criadas e construídas por ele para que o espectador seja parte da obra.

— No meu trabalho, o visitante é uma espécie de ator. Minhas instalações precisam de gente para ganhar sentido. — diz Malstaf, criador também de "Transporter", em que as pessoas deslizam feito malas de viagem numa esteira de aeroporto.

— Faço uma ponte entre as artes visuais e o teatro moderno. Mas não aquele teatro em que a plateia é forçada a participar. A interação com minha obra é voluntária. E por isso, creio, mais válida.

ARTE OU MERA DIVERSÃO, TUDO BEM

Malstaf nasceu em Bruges, na parte holandesa da Bélgica. Filho de pintor, cresceu ouvindo que não devia inventar de ser artista. Disposto a "procurar uma profissão séria", foi estudar design industrial. Pareceu-lhe economicamente promissor e minimamente criativo. Formado, começou a ganhar dinheiro com projetos para empresas, mas logo deixou o mundo corporativo de lado. Nos anos 1990, destacou-se na cena de Bruxelas ao criar cenários e soluções cenográficas para peças e performances. E se deu conta de que as ideias para o palco também poderiam funcionar em galerias e museus.

— Ou seja, Malstaf virou... artista. Mas "um artista diferente", ele diz.

— Nunca fui a casas especializadas comprar tinta, pincel, papel. Uso metal, vidro, plástico, circuitos, cabos. Frequento mais lojas de ferragens e mate-



Banco no Brasil.
O artista belga Lawrence Malstaf, que constrói instalações interativas, no salão principal do CCBB Rio, palco da exposição File

rial de construção (risos).

Um dia, no ano 2000, a curadora e marchand belga Ischa Tallieu circulava pelo Bains Connective, um espaço em Bruxelas de experimentações artísticas, quando trombou com ele. Entre tanta arte tradicional ao redor ("você sabe, telas, esculturas, o de sempre), teve a atenção capturada.

— As obras dele mudaram meu radar para arte — conta ela. — Hoje, represento vários criadores, de artes visuais, teatro, música, e todos têm em comum a busca por caminhos não convencionais.

Ischa colocou Malstaf no circuito internacional, onde aos poucos ele foi

sendo reconhecido. Nos últimos dez anos, o artista ganhou prêmios na Bélgica, na Holanda, na Áustria, no Japão e na Noruega — país onde vive com a mulher, norueguesa, há uma década.

O casal mora na pequena cidade de Tromsø, acima do círculo polar ártico. É lá que fica a oficina do artista, onde ele às vezes recebe visitantes interessados em aprender mais sobre seus métodos e desvendam como funcionam suas traquinagens. Na maior parte do tempo, porém, o trabalho é glamour zero. São longas jornadas solitárias em busca da próxima engenhoca interativa.

Malstaf conta que a faísca criativa ge-

ralmente vem na volta para casa, após exposições como o File. Os criadores da mostra, aliás, acham que ele é a essência do que pretendem.

— A arte do Lawrence é o que buscamos: tecnologia não para ser observada, mas experimentada — diz Paula Perissinotto, que assina a curadoria com Ricardo Barreto.

O belga está ciente de que suas obras podem ser fonte de reflexão, mas também de mera diversão. E tudo bem:

— Vai ter gente na fila do "Shrink" achando que foi a um parque de diversão. É um risco, mas quero falar com todos, sem excluir ninguém. ■

